

O CASAMENTO DA PERALDIANA

O CASAMENTO DA PERALDIANA estreou a 3 de abril de 1919, apresentada pelo Grêmio Dramático Familiar, em sua sede, com músicas de Silva Novo e com o seguinte elenco:

| | |
|---|--------------------|
| FLOR | Gracinha Padilha |
| AVENIDA CAIO PRADO | " " |
| ROSA | Alice Temporal |
| AVENIDA MORORÓ | " " |
| ACÁCIA | " " |
| COMÉDIA | Djanira Coelho |
| AVENIDA CARAPINIMA | " " |
| MARGARIDA | " " |
| DULCE | " " |
| CASA JAIME | " " |
| ZÉ POVINHO | Carmem Olímpio |
| JOCKEY CLUBE | " " |
| PÃO DA TARDE | Zilda Sepúlveda |
| MAXIXE | " " |
| ELA | Nanci Pamplona |
| ELE | Zilda Sepúlveda |
| PERALDIANA PIMENTA | Eurico Pinto |
| CEL. LUÍS PUXAVANTE | Augusto Guabiraba |
| ELISIÁRIO CAVALCANTE | Joaquim Santos |
| MALAQUIAS | João Padilha |
| ALEXANDRE | José Domingos |
| CANDOCA | " " |
| DRAMALHÃO | Hercílio Costa |
| MR. PICKLES | Paulo Padilha |
| CASUZINHA | Francisco Padilha |
| PADEIRO | Alberto W. Meneses |
| BILONTRAS, FREQUENTADORES DO PASSEIO, CAMBISTAS, GUARDAS-CI- VIS, CONVIDADOS, MÚSICOS, ETC. | |
| CENÁRIOS | Gérson Faria |

DENOMINAÇÃO DOS QUADROS

- 1.º) Peraldiana em Fortaleza
- 2.º) No Passeio Público
- 3.º) Na Praça do Ferreira
- 4.º) A Caminho de Porangaba
- 5.º) O Forró do Casamento

CASAMENTO DA PERALDIANA

Ante numerosíssima assistência, realizou-se 5.^a-feira a representação do "Casamento da Peraldiana", em benefício dos amadores do Grêmio Dramático Familiar. Tornou-se prolongado o espetáculo pelo grande entusiasmo que havia da parte dos espectadores que várias vezes pediam bis das partes mais interessantes. Foram bem representados todos os papéis, obtendo grande sucesso os Srs. Eurico Pinto, Joaquim Santos, Zilda Sepúlveda e Carmem Olimpio.

Correio do Ceará (5/04/1919)

O CASAMENTO DA PERALDIANA

Primeiro Ato (Casa Pobre)

Cena I

Peraldiana e Flor (esta fazendo croché e aquela fazendo renda numa almofada)

FLOR — Tão tarde já e o Malaquias ainda não veio do quartel. Isto é uma vida ingrata; antes nós nunca tivéssemos vindo dos Inhamuns.

PERALDIANA — Qual o que, Fulô. Apois você ainda se alembra daqueles matagão? É inzalto qu'isto aqui tá tudo munto demudado; num é mais o Ceará véi, o Ceará bonzão do meu tempo; de condo eu era brochota — Ai meu tempo! — Mais porém é sempre mais mió do que os Inhamuns. (1)

FLOR — Melhor o que, minha mãe! Lá ao menos havia liberdade, respirava-se outro ar, muito mais puro, muito mais saudável.

PERALDIANA — Deixa de besteira, menina. A gente tanto arrispira aqui, cuma arrispirava lá. Eu cá só tenho sordade é do meu cumpade Puxavante e da minha vaquinha **ponta baixa** qui eu deixei lá no sertão.

FLOR — Ora ver-me aqui encurralada, entre estas quatro paredes. É horrível!

PERALDIANA — Horrive num é isso não, qui este carcamento de Messejana (2) é inté dévêrtido. Horrive é o Malaquias vivê sempre fora de casa, é um palei de séoviço, de arri- vista de exéociço e do diabo que o carregue. S'ele fosse meu marido, já tinha apanhado inté umas hora.

FLOR — Mas mamãe, vive a senhora continuamente a implicar com o Malaquias...

PERALDIANA -- Eu bem sei p'ro qui é. Ói, minha fia, num meta a mão no fogo pur'aquele breguedof, não. Ocê num tá vendo, cuma ele, adispois qui assentou praça tá tão escovado, tão chei de galizia, tão aflightado. Vão vê qu'ele tá é cum argum contrabando. Se eu duvido...

(1) Região do Ceará.

(2) Depois, Boulevard Visconde do Rio Branco. Seguindo-se-lhe a direção, chegava-se ao então Município de Messejana, hoje distrito de Fortaleza.

- FLOR — Por Deus, minha mãe, não repita mais semelhante heresia. O Malaquias é a pérola dos maridos.
- PERALDIANA — É. É munto bom... pro fogo. Me cêda aquela pérola pr'eu mandá fazê um pinduricaio...
- FLOR — A senhora hoje está de mau humor; e eu quero crer que já sejam saudades dos Inhamuns. Não confessa logo isso, porque enfim não quer dar o braço a torcer. Quando a senhora amanhece com a saia amarrada para a frente é sinal de que está vendendo azeite às canadas...
- PERALDIANA — Num sei s'é azeite ou sebo de hulandra; o qu'eu sei é qui todo santo dia qui Deus noss'Sinhô dá a nós, é esta pendanga pro mode aquele arrelíquim de uma figa...

Cena II

Os mesmos e Malaquias

- MALAQUIAS — (Entrando) Ora vivam! (tira o quepe e coloca sobre a mesa)
- PERALDIANA — Falá no máo, aperparai o páo...
- MALAQUIAS — Flor, os poucos momentos que tenho de folga corro logo pro teu lado.
- FLOR — Tardaste muito hoje, Malaquias.
- PERALDIANA — (Levantando-se e colocando a almofada num canto) Hoje! Hoje cuma ontem, cuma ant'onte, cuma todo o dia... Chega aqui de galope e sai de chouto.
- MALAQUIAS — (À parte) Este coirão só veio ao mundo pra me aperrear. (Para Flor) Flor, são as obrigações, o serviço da caserna, a revista...
- PERALDIANA — Os exêociço, a ginasca impedido no quartêo; nós já sabe a cantiga. É a caséina do dianga. Esse bestaião véve agrudado a tão caséina cuma carrapato im peito de vaca.
- FLOR — Minha mãe, a senhora já começa...
- MALAQUIAS — Deixa ela falá, Flor. Entra por aqui e sai por ali.
- PERALDIANA — É pro que já tá perdendo de todo a vergonha. Cum esse carão tão lavado...
- MALAQUIAS — A gente se acostuma com tudo neste mundo, até com o que é ruim...
- PERALDIANA — S'eu fosse sua muié...
- MALAQUIAS — (À parte) Voute gereba!
- PERALDIANA — Já le tinha dado um ensino. Mais porém deixe está seu macriado, qu'eu hei de metê-le as ispora no vazio inté pingá sangue. (Enquanto fala, Malaquias assovia)
- FLOR — Minha mãe...
- PERALDIANA — Isto nem pra sela séove, só mermo pra cangaia...
- MALAQUIAS — Vosmicê pode dizer o qui quiser, Sinha Peraldiana... Eu pouco estou ligando.

FLOR — Malaquias...

PERALDIANA — Pouco tá ligando, seu patifão, seu corrimboque do diabo. Eu num sou boa não, viu?

MALAQUIAS — Eu já sei disso há munto tempo.

PERALDIANA — Es'a mustarda me chegá o nariz, perdo as instribeira e dou-lhe uma pisa de rêio. Eu num sou banana cuma a Fulô não. Oi e s'ela tomá as dore pro vosmicê, apanha ambos os dois.

MALAQUIAS — Isto agora é mais sério Sinha Peraldiana. Não se meta nessa, que se sai máo. Se tiver a ousadia de levantar a mão para mim ou para Fulô, papoco-lhe esse par de óculos na focinheira.

FLOR — Acabem com esta discussão.

PERALDIANA — O que grandissíssimo pedaço de animáo, sor-dado relaxado? S'eu inchá nas alpragata, ocê apanha inté inchá. Eu tou inchando...

MALAQUIAS — Pois experimente. Furo-lhe o buxo com este sa-bre. Um soldado como eu não tem medo de homem, quanto mais de um caco velho de torrar sebo.

FLOR — Oh! Meu Deus que cena horrível!

PERALDIANA — (Enfurecida) Quem é caco véi de torrará sebo, coisa ruim? Quem é caco véi de torrará sebo? (Abana os queixos de Malaquias que lhe dá um safanão)

FLOR — (Colocando-se entre os dois) Pelo amor de Deus, minha mãe, Malaquias, acabem com esta briga.

PERALDIANA — (Canta)

'Stou medonha, furiosa, aperreada,
Viro cobra quando 'stou assim danada.

MALAQUIAS — (Canta)

Stá danada a tal velhota,
Como bode ela pinota...

FLOR — (Canta)

É incrível,
Ó meu Deus,
Que coisa horrível.

OS TRÊS —

Oh! Que barulho incessante.
Aqui, no nosso lar,
A cada instante,
Só se quer brigar.

PERALDIANA — (Canta)

'Stou medonha, 'stou danada, furibunda,
Neste cabra eu já vou dá badeja tunda.

MALAQUIAS — (Canta)

Comeu briba a tal velhota,
Como bode ela pinota...

FLOR — (Canta)

Que aflição
Dêem fim
A tal questão

OS TRÊS —

Oh! Que barulho incessante
Aqui, no nosso lar,
A cada instante,
Só se quer brigar.

PERALDIANA — (Canta)

Merecia, mesmo agora, um tabefe,
Esse trouxa, esse tipo mequetrefe.

MALAQUIAS — (Canta)

É piranha, é uma cobra,
É o cão a minha sogra.

FLOR — (Canta)

É incrível,
Ó meu Deus,
Que coisa horrível.

OS TRÊS —

Oh! Que barulho incessante,
Aqui, no nosso lar,
A cada instante,
Só se quer brigar.

(Batem palmas)

Cena III

Os mesmos e Elisiário

FLOR — Minha mãe, estão batendo. (Peraldiana vai ver quem é depois de lançar terrível olhar a Malaquias)

PERALDIANA — (Vendo Elisiário) Virge Maria! É o home da Balarina, (3) seu Liziaro Cavargan-t-i.

FLOR — (À Parte) Ah! Esse infeliz ainda é vivo?!

ELISIÁRIO — (Entrando) Como vai D. Peraldiana? Como tem passado D. Flor? Malaquias aperte lá estes ossos. Soube que estavam residindo aqui e vim apresentar-lhes a homenagem dos meus respeitos. (Para Peraldiana e Flor) (Flor vai fazer croché)

PERALDIANA — Antonce de nada valeu vosmicê tê andado fugido dos Inhamuns, hein? Teve sempre qui dá o cangote véio pá cunfiri!

ELISIÁRIO — Que jeito, D. Peraldiana? Sentei praça a muque, à força, mas, como quem tem padrinho não morre pagã, já cavei a minha baixa e deixo hoje por uma vez esta farpela.

(3) Nome popular da gripe de 1918, orlunda das Ilhas Baleares, na Espanha. Corresponde a "Espanhola" do Rio de Janeiro.

MALAQUIAS — O que? Pois arranjou isso, homem?

ELISIÁRIO — E como non..

MALAQUIAS — Pois eu só largo a farda quando terminar o prazo. Falta coisa pouca. É só acabar e voltar pro sertão.

PERALDIANA — E eu fico no Ceará, nem que seja nargum culé-jo arricoída cuma órfã.

ELISIÁRIO — (Rindo) O que D. Peraldiana? Ah! Ah! Ah! Quer ser internada como órfã. Já tão madurinha... Não quer então, voltar aos Inhamuns, com o Malaquias?

PERALDIANA — Inhor, não. O tão séoviço militá é uma meséra. O bom do meu genro (cospe) tem aprendido munto lá. Tá inté se metendo a valente!

ELISIÁRIO — O que homem? Ah! Ah! Ah!

MALAQUIAS — Sinha Peraldiana faça lá o seu angu sem me meter no meio.

ELISIÁRIO — Mas o que é isto? Estão arreliados? Eu pensava que isto aqui era um seio de Abraão!

MALAQUIAS — Sogra dessas espécies Elisiário, só Satanaz aguenta. É uma piranha, é uma cascavel de vereda.

PERALDIANA — Genro dessa laia, seu Liziáro, só assado no espeto do cão. É uma sarna das tais, uma coruba das braba.

ELISIÁRIO — (A parte) De que escapei eu. (Alto) Mas deixemos essas questiúnculas. Isto é feio. Vamos lá fazer as pazes Malaquias, vem cá, abraça tua sogra.

MALAQUIAS — Eu? Deus me livre. Era bem capaz de ferrar-me o dente.

PERALDIANA — Cachorro é ele.

FLOR — Malaquias, o seu almoço está guardado.

MALAQUIAS — Apois vamos lá. (Para Elisiário) É servido?

ELISIÁRIO — Obrigado. (Malaquias e Flor saem) Que bela coisa é a harmonia do lar!

PERALDIANA — Mais seu Calango, qui galão tão fúnebre é esse no seu braço?

ELISIÁRIO — Ah! D. Peraldiana. Isto é um fumo.

PERALDIANA — Mapinguim? (4)

ELISIÁRIO — Não D. Peraldiana. É um fumo de luto, sabe? Isto quer dizer que estou viúvo.

PERALDIANA — Veúvo?

ELISIÁRIO — Sim. Somos colegas na viuvez.

PERALDIANA — Abom. Boi sorto lambe-se todo.

ELISIÁRIO — Salvo seja!

PERALDIANA — Antonce agora é qui vosmicê caiu mêrmo na vida... da malandrage, hein? Ainda num achou uma moça que le dê leite não?

ELISIÁRIO — Não avacalhe o meu sofrimento. Avalie que não tive nem ao menos o gosto de chorar a minha defunta, que foi fazer companhia no outro mundo, ao seu falecido Zuca

(4) Espécie de fumo.

Pimenta. Quando soube do infausto sucesso, já havia seis dias que ela estava sepultada na vala comum do cemitério de S. João Batista. Morreu tísica no hospital.

PERALDIANA — Coitada! Tomém foi pro céu dêreitinho.

ELISIÁRIO — Eu nem gosto de falar nisso. Tenho procurado, a todo transe, espancar a minha dor nos forrós, nas serenatas...

PERALDIANA — É um sistema conhecido.

ELISIÁRIO — Acredite. Canto para não chorar, para não estalar de tristeza. Sabe? É questão de temperamento.

PERALDIANA — Antonce cante, home de Deus. Sabe alguma cantiga nova?

ELISIÁRIO — Muitas. Eu sou um arquivo vivo de poesias e cantos.

PERALDIANA — Apois disdrobe aí quarqué coisa, seu Liziáro.

ELISIÁRIO — Vou cantar então um tango moderno, para alegrar a nossa viuvez. Ouça:

Se uma pequena bonita
Vejo a meu lado passar,
Meu peito logo se agita
Numa ternura bem singular.

Todo dengoso e catita,
Eu lhe deito um certo olhar
E com ardor e coragem inaudita,
Vou tentando me insinuar...

E assim eu ando nesta vidoca,
Devoto certo do Deus Cupido,
Sou o primeiro na rapioca
E das pequenas sempre o querido.

Ninguém me iguala no smartismo
Deste requebro todo pachola,
A todos venço no janotismo,
Pra isto tenho tento na bola.

Eu sou o D. Juan da moda
Sou um caboclo sarado...

As pequenas todas
Andam à minha roda,
E eu por todas elas
Sou tão estimado.
Um viúvo alegre eu sou,
Elegante e escovado,
Nenhuma pequena
Por mim já passou
Que eu não desse o brado...

PERALDIANA — Sim, sinhô, seu Liziáro, vosmicê é um véuvo infuluido

Cena IV

Os mesmos, Puxavante, Rosa e Casuzinha

PUXAVANTE — (Fora) Ou de casa!

ELISIÁRIO — Oh! Diabo! Vem alguém aí interromper o nosso idílio.

PERALDIANA — Ou meu Deus! Parece a voz do cumpade Puxavante.

PUXAVANTE — (Abrindo a porta) Mora aqui a cumade Peraldiana?

PERALDIANA — Ou cumpade da minh'arma. (Abraçam-se)

PUXAVANTE — Ei, o home da balarina. Quê qui anda fazendo pur cá esta obrinha?

ELISIÁRIO — Como tem passado, Coronel Puxavante?

PUXAVANTE — Eu vou bom, brigado.

PERALDIANA — Rosa, cuma tá tu, minha fia?

ROSA — Sua benção, minha madrinha.

PERALDIANA — Deus te faça uma santa. Quem é este menino?

PUXAVANTE — Apois num cunhece, cumade? É o mano da Rosa, o Casuzinha, fio do seu cumpade Nicoláo da Maíada Grande. Esse papagai é pra ocê cumade. Fala cumo um danado.

PERALDIANA — Brigado. Mas, menino isto é o Casuzinha? Mais tá crescido! Eu vi inté esse menino nos coeiro.

CASUZINHA — Tou taludim.

PUXAVANTE — Vei pro mode arsentá praça no Suminaro. Inda há de sê vigaro lá da freguesia. Mais porém cadê a Fulô e o Malaquia?

PERALDIANA — C'alegria inté m'isquici de chamá eles. Fulô!

FLOR — (Fora) Senhora.

PERALDIANA — Venha cá muié e chama o teu marido, qui o dia hoje é de festa.

Cena V

Os mesmos e Flor

FLOR — (Entrando) Oh! Meu Deus! A Rosa! (Lança-se nos seus braços)

ROSA — Minha Flor!

PUXAVANTE — Ei! E cumigo num se fala?

FLOR — Desculpe-me Padrinho e abençõe-me. Esse é o teu irmão, Rosa?

ROSA — É. É o Casuzinha. Veio para o Seminário. Quer ordenar-se.

PUXAVANTE — Apois tá disculpada e abençoada. E o Malaquia, cadê ele?

FLOR — Acabou de almoçar e saiu para o quartel. Agora mesmo.

- PERALDIANA — É assim. Num tem tempo nem d'isquentá o assento. Essa pamonha num quis i ainda cum ele ao rêio.
- FLOP — Dêem-me licença, tenho muito que conversar com a Rosa. (Saem)
- ELISIÁRIO — Mas diga-me uma coisa D. Peraldiana, já visitou a cidade, já foi aos cinemas, às avenidas, aos teatros...
- PUXAVANTE — Tem s'adevertido muito cumade?
- PERALDIANA — Qual o que home de Deus. Inda num vi nada. Nem eu e nem a Fulô. O Malaquia diz qui num tem tempo pra mode levá nós. Nós véve aqui inchiueirada cuma bode, dêсна qui nós chegou.
- ELISIÁRIO — Pois, então, ofereço-me para ser o ciceroni da senhora e do Cel. Puxavante. Vou mostrar-lhes a Fortaleza de hoje com todas as suas belezas.
- PUXAVANTE — Tá feito, home. Tá feito. Qui acha cumade?
- PERALDIANA — Eu tou avexada pro mode vê o Ceará d'hoje.
- ELISIÁRIO — Porém... querem ir juntos, ou cada um por sua vez?
- PERALDIANA — Junto. Eu num me desaprego mais do cumpade.
- PUXAVANTE — E nem eu me desagru do da cumade.
- ELISIÁRIO — Era porque eu tinha coisas para mostrar à senhora e coisas que só a ele poderia mostrar. Desejava levá-lo ao baile de um certo clube de que eu faço parte.
- PERALDIANA — Num me bote o home a perdê, seu Liziaro. Ele tem qui i é mais eu.
- ELISIÁRIO — Há certas fitas cinematográficas, por exemplo, que conforme dizem os jornais, só podem ser assistidas por homens.
- PERALDIANA — Apois essas coisas iscandalosas, só pra home ele num vai vê, não, qui é bobage.
- PUXAVANTE — Mais cumade, eu sou homem. Eu queria sempre arriscá um ôio. Ao menos úa vêzinha.
- ELISIÁRIO — É D. Peraldiana. Deixe o coronel dar expansão ao gênio. Deixe ele ir apreciar uma fitinha.
- PUXAVANTE — Só uma cumade. Só uma.
- PERALDIANA — Apois antonce vai, mais porém é mais eu...
- ELISIÁRIO — Com a senhora? Ah! Ah! Ah! Sim senhor, o desenlace foi melhor do que eu esperava.
- CASUZINHA — Eu tomém quero i.
- PUXAVANTE — Você é besta, menino. Você lá pode vê essa coisa.
- ELISIÁRIO — Talvez fosse até bom botar ele a prova de fogo, Deixem ele ir.
- PUXAVANTE — Vai não. Vai é pru suminaro amenhã cedo.
- CASUZINHA — Eu vou. Eu Vou. Eu num sou de ferro... Eu quero vê essas fita só pra home!
- PUXAVANTE — Vá já lá pra dentro, bestaião. (Casuzinha sai)
- ELISIÁRIO — Agora dêem-me licença. Vou mudar a farda. Logo mais voltarei para ir mostrar-lhes a Fortaleza de hoje.

PERALDIANA — Num deixe de num vi, seu Liziaro. Nós num pode saí só, sinão se perde.

ELISIÁRIO — Fiquem descansados, virei. Até mais tarde, pois.

PUXAVANTE — Inté logo, seu Liziaro.

PERALDIANA — Inté logo seu Liziaro.

Cena VI

Peraldiana e Puxavante

PUXAVANTE — Enfim só, ambos os dois. (Abraçam-se)

PERALDIANA — Ai cumpade!

PUXAVANTE — Ai cumade!

PERALDIANA — Cuma deixou os Inhamun?

PUXAVANTE — Triste pra burro. C'a sua osência, cumade, eu fiquei choroso qui nem um garrote desmamado.

PERALDIANA — Deixe dessas comparaça, cumpade. Credo. Inté incabula a gente.

PUXAVANTE — Aquilo lá cumade, adispois qui ocê s'arritirou ficou qui é vê um sumitéro. Cumade, eu le peço: vorte pros seus pasto.

PERALDIANA — Só matutando no causo, cumpade.

PUXAVANTE — Apois, cumade vamo cantá quarqué coisa, prá mode afestá o nosso incontro, senão eu abro o choradô.

Eu sou tão dengoso pra chorá...

PERALDIANA — Eu tou tão cumuvida...

PUXAVANTE — Nada de cumoção, cumade. Cante uma coizinha alegre, vio?

PERALDIANA — Apois, então, cumpade, lá vai mexa.

(Canta)

Meu cumpade, Puxavante,
Arfináo é chegada o momento...
A minha arma, neste instante,
Tá rinchando de contentamento...

Só por ti

Bi-ri-bi-ri-bi — biribi-ri-bi

Bi-Bi-Bi-Bi

Meu Lulu

Bu-ru-bu-ru-bu — bu-ru-bu-ru-bu
ru-bu-ru-bu

Meu Lulu

Bi-ri-bi-ri-bi

Meu Lulu

Bu-ru-bu-ru-bu
A minh'arma tá feita um beiju

PUXAVANTE — (Canta)

O meu véio coração,
Badalando de sestisfação,
Dá tais pulo, taes corcôvo,
Cuma se fosse um bodinho novo...

Meu amô...
Bô-rô-bô-rô-bô — bô-rô-bô-rô-bô
rô-bô-rô-bô

Sinto um nó...
Pó-ró-b-ó-ró-bó — bó-ró-bó-ró-bó
ró-bó-ró-bó

Meu amô...
Bô-rô-bô-rô-bô

Sinto um nó...
Bó-ró-bó-ró-bó

Sinto um nó
Bem aqui no gogó...

PERALDIANA — (Canta)

Ou qui peso, no meu peito
Eu sentia em tão longa osência...
Mais porém já tá desfeito,
Somente cum a tua presença...

Só por ti...
Bi-ri-bi-ri-bi — bi-ri-bi-ri-bi-ribi
ri-bi-ri-bi.

Meu Lulu
Bu-ru-bu-ru-bu — bu-bu-ru-bu-ru-bu
ru-bu-bu-bu

Só por ti
Bi-ri-bi-ri-bi

Meu Lulu
Bu-ru-bu-ru-bu

A minha arma
Tá feita um angu

PUXAVANTE — Ai cumade dos meus pecado! Eu chega tou aqui, c'o coração badalando de sestificação.

PERALDIANA — E eu cumpade, eu nem sei explicar o que eu sinto no inriour.

PUXAVANTE — Vamo cantá de novo, cumade?

PERALDIANA — Não, cumpade. Assim tomém, im riba das buxa, inveoniza... a gaiganta. Agora eu vou é le mostrá a casa. A minha camarinha é ali, e da Fulô.. e do Malaquias fica d'aquela outra banda. Vamo começá pela minha camarinha. Tudo aqui é apertadinho... cuma um ovo.

PUXAVANTE — Antão vamo lá cumade vê a sua camarinha. (Saem)

Cena VII

Flor e Rosa entrando

FLOR — Pois é isto Rosa, estou louca por voltar à nossa aldeia.

ROSA — Então não tens gostado da Capital?

FLOR — Nem saí ainda. Daqui só para a missa das Dorotéias, (5) nos domingos.

ROSA — Ainda não foste ao teatro, aos cinemas, às avenidas?

FLOR — À parte alguma. E nem faço empenho nisto. O meu único desejo, como já te disse é voltar à nossa terra. Isto aqui me sufoca, me enerva e aborrece.

ROSA — Ah! Se tu soubesse a falta que fazes lá!

FLOR — Hei de voltar, e muito em breve. O Malaquias está a findar o tempo de serviço no Exército. É ele tirar a farda e nós partirmos.

ROSA — E tua mãe?

FLOR — Há de regressar conosco. Ela está aqui como peixe fora d'água. Não se acostuma mais na capital. Não diz isto porque não quer dar o braço a torcer... mas eu bem que estou vendo.

ROSA — E eu Flor, é que não me posso conformar em viver longe de ti; és a minha única e verdadeira amiga. Mas, agora, casada...

FLOR — Tolinha. Solteira ou casada hei de ser sempre a tua amiga de todos os tempos. A ausência em vez de enfraquecer, aumentou a afeição que, desde pequenina, te consagro.

ROSA — Acredito, Flor, acredito, porque quanto a mim parece-me que te quero muito mais hoje do que d'antes, se é possível.

FLOR — Vamos então, meu amor, relembrar os dias passados no nosso amado Vale de Rosas. Vamos cantar para alegrar o espírito.

(5) Capela do Ginásio (atual Colégio) Nossa Senhora do Sagrado Coração, da Congregação das Irmãs Dorotéias, fundado em 1915. Dai à sede do Grémio D. Familiar distavam apenas alguns metros.

ROSA — Vamos Flor. Cantemos juntas, como nos melhores dias de nossa vida. (Peraldiana e Puxavante entram) (Rosa e Flor cantam)

Após ausência prolongada,
Nossa amizade afetuosa,
Nesta união abençoada
Fica, assim, mais vigorosa.
O coração, rindo, palpita,
E é bem sincera esta alegria,
Que o seio brandamente agita,
Afugentando a nostalgia.
Ai...

Só nos pede o coração
Regressar, ai meu amor...
Ai meu amor...

Lá pro sertão
Lá pro sertão

Pro sertão do Ceará,
Onde canta a sabiá.

É mais risonha a natureza,
No sertão da nossa terra,
Onde tudo é singeleza
E encantos mil encerra.
Regressar, ai quem nos dera.
Desde já aos nossos lares,
Reviver na primavera
Da pureza de seus ares
Ai...

(Fala) Ouçam: (Canta)
(Repetem o estribilho)

PUXAVANTE — Bonitinho, sim sinhô.

PERALDIANA — Essas menina são uns cão. Agora cumpade, vamos vê a camarinha da Fulô. (Saem)

Cena VIII

Flor, Rosa, Padeiro e Pão da Tarde

PADEIRO — (À porta) Pão da tarde.

FLOR — O que é?

PADEIRO — Quer o pão da tarde?

ROSA — Pão da tarde?

FLOR — Sim, agora temos o pão da tarde. É o jantar. A vida está caríssima. Só se come carne no almoço. O jantar é pão com café.

PADEIRO — Inda tá quentinho freguesa.

FLOR — Espere aí. (Vai à porta da esquerda) Mamãe.

PERALDIANA — (Entrando com Puxavante) Ôi, quê qui hai?

FLOR — O pão da tarde.

PERALDIANA — Leva bolacha ferosa?

PADEIRO — Não, senhora, é só pão da tarde. Quer ver, saiu inda-
gorinha do forno. É bem feito, farinha de trigo de primeira,
amassado sem suor, na Padaria Palmeira. (6)

PUXAVANTE — Apois vamo vê lá o seu pão. (O padeiro abre a
cesta e surge o pão).

PERALDIANA — Que pão são?

PUXAVANTE — Antonce vosmicê é que é o pão da tarde?

PÃO DA TARDE — Da Padaria Palmeira. Ouçam: (Canta)

Inda quentinho do forno,
Eis aqui o pão da tarde.
Se acaso falto, é transtorno
Para esta grande cidade.

Seja pobre, seja rico
Toda gente me chaleira.
Vivo contente e tão nico,
Na Padaria Palmeira.

Ai!

Não há tapioca,
Nem bolo de trigo,
Nem pé-de-moleque
Que possa comigo.

Bati o anguzou
E o velho cuscus
Das moças bonitas
Eu sou o — ai Jesus.

Não há tapioca,
Nem bolo de trigo,
Nem pé-de-moleque
Que possa comigo.

Por todos sou procurado,
Todos me esperam à tarde.
Sou com carinho tratado
No mais distante arrabalde.

As moças que eu aqui vejo,
Estão amolando os dentinhos,
De certo estão com desejo
De me cobrir de carinhos.

Ai!

(6) Um dos patrocinadores do Grêmio. Fornecia a cada espetáculo um enorme pão confeitado utilizado em cena.

Não há tapioca,
Nem bolo de trigo,
Nem pé-de-moleque
Que possa comigo.
Bati o anguzou
E o velho cuscus.
Das moças bonitas
Eu sou o ai Jesus.

Não há tapioca,
Nem bolo de trigo,
Nem pé-de-moleque
Que possa comigo.

Quem me experimenta uma vez,
Torrado desta maneira,
Logo se torna freguês
Da Padaria Palmeira.

Sou os quindins das pequenas,
Da casa nobre à choupana.
Sou o bem-querer das morenas
Da estrada de Messejana.
Ai!

Não há tapioca,
Nem bolo de trigo,
Nem pé-de-moleque
Que possa comigo.
Bati o anguzou
E o velho cuscus.
Das moças bonitas
Eu sou o — Ai Jesus.

Não há tapioca,
Nem bolo de trigo,
Nem pé-de-moleque
Que possa comigo.

PUXAVANTE — É o bicho! Um pãozinho deste nos Inhamum
dava dinheiro.

PERALDIANA — Faço freguesia. Deixe o pão. Venha cobrá na
vorta.

PADEIRO — Sim, senhora (Sai)

PERALDIANA — Meninas, levem esse pão lá pra dentro.

CASUZINHA — Eu tomém quero um pedacim.

(Saem Flor, Rosa e o Pão)

PUXAVANTE — A gente dá esgalamido. Apois cumade, a casinha é pequena qui nem casa de Maria di barro, num sei mermo cuma eu possa me aboletá aqui.

PERALDIANA — Nem si atubibe cum isso não cumpade, adonde eu cabê o cumpade há de cabê tomém.

Cena IX

Os mesmos e Alexandre

ALEXANDRE — Dão licença?

PUXAVANTE — Quem será?

PERALDIANA — Talvez seu Liziaro qui vem buscá nós pro mode passeá (Vai à porta) Olá, é seu Lixandre! Pur aqui?

ALEXANDRE — D. Peraldiana, como tem passado?

PERALDIANA — Assim, assim, seu Lixandre.

ALEXANDRE — O que vejo? O Coronel Luís Puxavante aqui na Capital?

PUXAVANTE — É cuma tá vendo, seu Lixandre, vim visitá a cumade.

PERALDIANA — Inda anda arrerepresentando, seu Lixandre?

ALEXANDRE — Até ao fim da vida. É a minha profissão. Agora mesmo ando passando ingressos para um espetáculo.

PUXAVANTE — E cuma vai a Fortunata?

ALEXANDRE — Bem, como sempre. Aquilo é uma primavera eterna. Sabem, dirijo hoje uma companhia de primeiríssima ordem.

PUXAVANTE — Você e ela. Ela e você.

ALEXANDRE — Não senhor; hoje temos um elenco numeroso. Bem umas 8 figuras e cada qual a mais importante. Só atores temos 4.

PUXAVANTE — E atoras?

ALEXANDRE — Temos 4, também. O repertório é uma brutalidade.

PERALDIANA — O Chatô Margô, o Espiritismo, o Sino de Córnevil in casa... (7)

ALEXANDRE — Não senhora. O repertório novo. Temos hoje peças para todos os paladares, desde o dramalhão de capa e espada, até a comédia da mais alta escola.

PUXAVANTE — E nesta malota, vai o guarda-roupa da companhia, num é?

ALEXANDRE — O guarda-roupa e o repertório. Todas as minhas peças vão aqui dentro. Está entupidinha.

PERALDIANA — Apois vamo vê lá isso, seu Lixandre.

ALEXANDRE — Então para o efeito ser melhor, permita-me a senhora que abra a mala do repertório, num aposento contíguo.

(7) Suposta sátira da peça "Os Sinos de Corneville em Arronches", do cearense Frederico Severo, estreada em 1880, aproximadamente.

- PERALDIANA — Comigo? Num vou nisso, não, seu Lixandre.
- PUXAVANTE — Ou discarado!
- ALEXANDRE — Não foi contigo que eu disse, e nem eu era capaz de tomar essas liberdades. Eu disse contigo, quer dizer vizinho, próximo, parede-e-meia.
- PERALDIANA — Abom! Antonce entre ali pra minha camarinha, abra lá a sua mala e tire alguma coisa pra nós vê.
- ALEXANDRE — Sim, senhora. É já. Vou apresentar-lhes uma pequena amostra das peças de meu repertório atual. (Entra D. A.)
- PUXAVANTE — Esse homenzim é um vedóia. Cum esses paleio de arreprentação ele véve é imbruiando o próximo.

Cena X

Os mesmos, Dramalhão e depois a Comédia

- ALEXANDRE — Façamos de conta...
- PERALDIANA — Faça você só, seu Lixandre
- ALEXANDRE — Que esta sala é o palco e aquela cortina o pano de boca. Senhores vai começar a Inana. (Apita, ergue a cortina e surge o Dramalhão de capa e espada)
- PERALDIANA — Seu Lixandre, esse boca de ninho é doido?
- ALEXANDRE — Não, minha senhora, este é o Dramalhão de capa e espada.
- DRAMALHÃO — (De capa e espada) Desonrado! Estou desonrado! A mim, a mim Fúrias do Averno! Ah! Mas a minha vingança, a minha vingança há de ser terrível. Tremam, tremam da minha insânia vingadora! (Aproximando-se de Puxavante) Miserável, miserável, que fizeste de mim um coitado, que poluiste as minhas cãs honradas, vais morrer.
- PUXAVANTE — Segure o home, seu Lixandre, segure o home, que tá danado!
- DRAMALHÃO — Vais morrer às minhas mãos traspasado por esta espada fumegante. Preciso de teu sangue. Preciso de teu sangue de suino... para fazer chouriço.
- PUXAVANTE — Ai, seu doido, você tá enganado seu doidão. Eu nem le cunheço.
- PERALDIANA — Afroxé o home. Ele chegou hoje dos Inhamum.
- DRAMALHÃO — (Voltando-se para Peraldiana) E tu mulher perdida, esposa perjura, que esqueceste os teus protestos de fidelidade.
- PERALDIANA — Ai! Ai! Num me fure seu doido, num me fure.

DRAMALHÃO — Tu, mulher venal, que zombas da dor horrível que me avacalha o peito, tu hárpia infernal, canhão 42, vais ser assada viva, vais ser torrada em pelo no forno crematório da Prefeitura Municipal! Quero devorar-te, quero comer-te em torresmos, com o sangue de teu sedutor, feito chouriço.

PERALDIANA — Seu Lixandre, pelo amor de Deus, pegue o seu doido, que qué me comê assada.

(Alexandre apita e o Dramalhão recolhe-se)

PERALDIANA — Ah! Seu Lixandre vá trancar ele na malota. Oi qu'ele num vá ficá iscondido na minha camarinha. O avexame foi tão grande, chega eu fiquei intupigaitada.

PUXAVANTE — E eu, cumade, chega tou intalado.

PERALDIANA — E eu qui num posso nem apanhá susto. Fico numa tremedeira cuma se tivesse maleita.

ALEXANDRE — Mas Coronel, D. Peraldiana, o Dramalhão é inofensivo. Ele é até bom de gênio. Aquilo tudo é palanfrório.

PUXAVANTE — Quáo Dramalhão, quáo nada. Aquilo é uma tragédia.

PERALDIANA — Aquilo, seu Lixandre, aquilo mata a gente do coração. Vá, seu Lixandre, vá fechá o bruto na malota.

ALEXANDRE — E não querem uma amostra de outra peça?

PERALDIANA — Não, seu Lixandre, eu pro mim tou sestifeita.

ALEXANDRE — Coisa alegre, divertida?

PUXAVANTE — Assim é bom cumade, pro mode apalacá o susto. Ói seu Lixandre, veja se arranja agora um negocim de saia.

PERALDIANA — E tranque o doido, seu Lixandre.

ALEXANDRE — Pois bem. Vou trazer-lhes a Comédia. (Entra)

PERALDIANA — Ai, cumpade, um sustão desse arruína uma criatura. Vamo tabaqueá o caso, cumpade?

PUXAVANTE — É bom cumade. (Tira uma pitada) O medo foi tão grande cumade, chega me deu uma pontada... (Apalpa o ventre)

ALEXANDRE — Senhores, vai surgir a comédia. (Apita, ergue a cortina e aparece a comédia)

PUXAVANTE — Seu Lixandre, quem é essa madaminha tão chiquel?

ALEXANDRE — É a comédia, a comédia brejeira, que provoca o riso, e traz a alegria ao coração da gente.

COMÉDIA — Senhores, eu desbanquei o dramalhão noturno, que quando eu surgi, foi atirado às urtigas.

PUXAVANTE — Antão, ele deve tê ficado danado! Queria fazê chouriço do meu sangue e torrâ a cumade Peraldiana prá mode cumê os torresmos.

PERALDIANA — Eu chega inda tou gelada.

COMÉDIA — Ouçam senhores: (Canta)

Eu trago sempre o riso à flor dos lábios,
E a minha vida é gargalhada insana...
Ninguém resiste, nem os próprios sábios,
Ao doce encanto que de mim promana.

Sou a Comédia, a Comédia moderna,
Que alegra sempre o coração da gente.
E a minha vida é gargalhada eterna,
Contra a tristeza sou um reigente (Bis)

Nas cinco parte do nosso planeta,
Eu tenho brado, sou apreciada.
E se me vêem surgir tão faceta,
Assim tão viva e tão endiabrada,

Os desenganos são logo esquecidos.
Voltam fagueiras, novas ilusões,
Loiras quimeras, e sonhos queridos
Vêm alertar os nossos corações. (Bis)

PUXAVANTE — Ai seu Lixandre essa peça, sim, é o bicho. Me ceda ela seu Lixandre, p'eu levá p'ros Inhamum.

ALEXANDRE — O original? É impossível... Só tenho este exemplar.

PERALDIANA — Cumpade, deixe de isquentação.

Cena XI

Os mesmos, Elisiário e, depois Flor e Rosa

ELISIÁRIO — Pode-se entrar?

PERALDIANA — É seu Liziaro qui vem buscá nós pro mode vê a capitão. Vá entrando, seu Liziaro.

ELISIÁRIO — Estão prontos? Vamos à urbis.

PERALDIANA — Que ubre, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — A urbis, à Capital.

PERALDIANA — Vou premêro butá um chaspilim. Vorto já. Trançou o doido seu Lixandre?

ALEXANDRE — Sim, senhora.

PUXAVANTE — E eu vou vésti o fraquel. É num instante.

ELISIÁRIO — (Para Alexandre) Que história de doido é aquela?

ALEXANDRE — O Dramalhão, rapaz, o Dramalhão, que eles tomaram por doido.

ELISIÁRIO — E essa senhorita, quem é?

ALEXANDRE — É a Comédia. A Comédia moderna.

ELISIÁRIO — (A parte) Mas que olhos que ela me deita. (Alto) Senhorita, os meus respeitos.

COMÉDIA — Obrigada.

PUXAVANTE — (Entrando) Eu já tou aperparado. (Vendo Elisiário com a Comédia) Tá tirando uma linhazinha, hein?

ELISIÁRIO — Não senhor, Coronel.

PERALDIANA — Eu já tou pronta e arrêada.

ELISIÁRIO — E D. Flor, D. Rosa, não vão conosco?

PERALDIANA — Fulô? Ou Fulô? Rosa? (Flor e Rosa fora: Senhora) Venhum cá meninas. (Flor e Rosa aparecem)

ELISIÁRIO — D. Flor, D. Rosinha, não queriam ir conosco percorrer a Capital?

FLOR — Preferimos ficar em casa. Ainda temos muito que conversar.

ELISIÁRIO — D. Rosinha eu estou viúvo, sabe? Livre e desempedido.

ROSA — Hei de me incomodar muito com isto...

ELISIÁRIO — Oh! Diabo. Pois então, D. Peraldiana e Cel. Puxavante, a caminho.

CASUZINHA — (Entrando) Eu tomém vou. Eu quero i...

PERALDIANA — Vai não.

PUXAVANTE — Eu quero lá suminarista mais eu.

ELISIÁRIO — A caminho! A caminho. (Canta)

Vou mostrar-lhes nossa Capital,
Que em todo o Norte, é sem rival
Visitar a nossa Fortaleza,
Que das capitais foi sempre a Princesa.

Percorrer as suas Avenidas
E as suas praças tão floridas.

É um portento ideal
De beleza integral
A nossa linda Capital.

CORO —

Vamos visitar, então,
A mais mimosa jóia
De beleza tão original

Vamos visitar, então,
A nossa linda Capital

ELISIÁRIO —

Como é formosa
E graciosa
Assim, gracil,
E tão gentil
De certo outra não há
No Brasil

CORO —

Como é formosa
E graciosa
A Capital do Ceará.
Assim, gracil,
E tão gentil
No Brasil, outra não há.

ELISIÁRIO —

A caminho, meus senhores,
Vamos ver a Fortaleza gentil,
Apreciar os seus magos primores.

CORO —

A caminho, meus senhores,
Vamos ver a Fortaleza gentil
Apreciar os seus primores
Apreciar os seus primores.

Fim do 1.º Ato.



EURICO PINTO: ator do Grêmio Dramático Familiar